

Sección de Investigaciones Contables

**ASPECTOS DAS FINANÇAS EMPRESARIAIS E A SUA
DINÂMICA - PONTOS IMPORTANTES E PROPOSTA DE
UMA NOVA FÓRMULA**

RODRIGO ANTÔNIO CHAVES DA SILVA

Dr. RODRIGO ANTÔNIO CHAVES DA SILVA

- Contador-Analista e pesquisador.
- Membro da escola do Neopatrimonialismo,
e do Clube de Balanced Scorecard da Argentina,
- Dignificado com a Menção de Honra no
Prêmio Internacional de História da Contabilidade,
Martim Noel Monteiro – Edição 2007.

ASPECTOS DAS FINANÇAS EMPRESARIAIS E A SUA DINÂMICA - PONTOS IMPORTANTES E PROPOSTA DE UMA NOVA FÓRMULA

SUMARIO

Palavras – chaves

Resumo

1. Introdução

2. História da análise de balanços e o gosto especial para as finanças e análise da liquidez ou solvabilidade

3. O que são finanças

4. O estudo científico das finanças e os seus principais problemas

5. O quociente das finanças dinâmicas – nova fórmula e proposta

6. Conclusão

7. Bibliografia

PALAVRAS – CHAVES

**HISTÓRIA DA ANÁLISE DE BALANÇOS – ANÁLISE FINANCEIRA – A
LIQUIDEZ ESTÁTICA – FINANÇAS EMPRESARIAIS – QUOCIENTE DE
DINÂMICA DAS FINANÇAS.**

Resumo

O estudo da dinâmica das finanças empresariais sempre foi ressaltado por diversos cientistas da Contabilidade, que compreendiam o

volume e a capacidade de pagamento, como uma das principais funções da empresa.

A história do movimento contábil de análise nos aponta como era proeminente o estudo da liquidez, e do fluxo de numerários, na existência dos negócios.

O presente artigo tem como discurso o estudo financeiro, tal como a sua profícua análise, que além de garantir boas posições para a tomada de decisões gerenciais, permite visualizar o equilíbrio da ação dos meios de pagamentos em debelar as pertinentes necessidades. Nosso trabalho procura retratar estes aspectos importantes, com a proposta de uma nova fórmula para a detecção das finanças dinâmicas.

1. Introdução

As contas, os balanços, as demonstrações do fluxo de caixa, e as demais informações da contabilidade, têm em vista apenas um objetivo, que é o de explicar os fenômenos nela registrados, senão, as finanças de um capital constituído e em funcionamento, sem as quais não se pode haver sanidade aziendal.

As finanças formaram o assunto predileto dos primeiros analistas contábeis, pois, consideravam o movimento de caixa, como o próprio devir patrimonial, comparando-o com o fluxo sanguíneo de um corpo humano. Alguns autores de renome da contabilidade, afirmavam que, assim como o corpo precisa da circulação, o patrimônio necessita do dinheiro para a sua sobrevivência. E esta verdade axiomática está presente nos dias de hoje, como compromisso principal de qualquer empresa, em qualquer porte que possua.

Porém, há alguns aspectos da dinâmica financeira que não foram completamente ressaltados, ou já foram consagrados, todavia, poucos explorados como deviam ou mereciam, devido à importância que possuem.

O objetivo desse artigo é expor alguns pontos importantes dos estudos financeiros, em especial, à sua principal qualidade que é a dinâmica, ou a agilidade de circulação promovida pelos giros.

Justifica-se esse trabalho pelo fato que: **nenhum contador analista, perito, ou auditor pode esclarecer o conteúdo de uma liquidez senão pelo estudo da sua dinâmica.**

Os chamados quocientes estáticos – consagrados pela tradição dos cálculos de balanços, que foram, os mais ressaltados de início - esclarecem, contudo, não permitem concluir com segurança toda a movimentação da liquidez, até porque, existe uma análise específica para as fenomenologias que se movimentam (o cálculo do giro, do prazo médio de renovação, de aceleração creditícia, investimentos em tempo hábil, etc).

Como aquilo que se sabe de finanças está por ceder lugar a uma nova perspectiva voltada mais para a dinâmica – por ser esta a mais importante e decisiva -, o conteúdo desse trabalho é o de levantar ou expor alguns pontos de vista novos, e nunca consulteis para a interpretação científica.

Portanto, numa linguagem acessível e científica, tentaremos demonstrar a dinâmica financeira, e no ensejo, uma nova fórmula para demonstrar a nossa posição como analistas ou investigadores do patrimônio, fortalecendo e demonstrando um novo caminho, ou capítulo para este novo estudo.

2. História da análise de balanços e o gosto especial para as finanças e análise da liquidez ou solvabilidade

Os estudos de análise de balanços sempre existiram na história, quando se procurava comparar as informações dos fenômenos patrimoniais em períodos diferentes, com o fito de observar, quanto que se ganhava, ou rendia os negócios; no mais, como era o comportamento da riqueza em relação às suas principais finalidades, e se o mesmo favorecia a existência aziendal.

Na Suméria antiga, o uso de análise de provisões já existia, denotando uma observação voltada mais para o controle dos riscos, e para sustentabilidade dos suprimentos de capital, que favoreciam as necessidades humanas básicas.

Porém, na idade média após o tratado de contas e escrituração de Luca Pacioli, houve reais ensaios de análise da parte do Frei Ângelo Pietra, e de Ludovico Flori (CARQUEJA, 2003; SÁ, 1997) que procuravam não só registrar, mas, saber o que se passava com o objeto dos registros.

Na idade moderna com as exaltações do estudo patrimonial realizada por Coffy, Crippa, Bonarccini e Costay (D'AURIA, 1956, 1954,1959; SÁ, 1997; PFALTZGRAFF, 1956; KLEIN, 1954), aconteceu uma nova marca na posição orientativa da contabilidade para a saúde do capital público e privado.

Em Portugal os principais estudos dos Balanços foram testemunhados por vários, nas lições de Ricardo de Sá (MONTEIRO, 1979, 1983, 1986; CARQUEJA, 2003) que propunha a análise de grupos dos Balanços, do Ativo e Passivo, embora, fosse numa concepção mais jurídica, ou exposta para os Direitos.

Tudo isso ajudou a formar a concepção que, se deveria explicar as informações contábeis, por meio da análise racional, e matemática.

Contudo, em grande parte, o estudo dos Balanços muito se deve aos movimentos presentes nos Estados Unidos da América, no início do século XX.

O principal motivo para a análise neste país foi **o crédito**.

Necessitava-se saber qual era a sustentabilidade em **ceder o crédito** das casas bancárias, **que emprestavam dinheiro e capital de giro**, tal como **a capacidade de pagar** o mesmo, da **parte dos solicitantes ou futuros devedores**.

Era muito aplicável tal análise por bancos em empresas que careciam de dinheiro para a sua operação, ampliação, e sustentação produtiva do seu capital.

Isto devido a um fato muito importante: sabendo que a economia americana sempre procurou desenvolver-se tendo em base o consumo

dos custos e a crescente operacionalização dos seus elementos produtivos em foco ao lucro, houve constantemente, a necessidade de recursos, senão, de dinheiro vivo, o qual era cedido pelos bancos como principal meio de auxílio às finanças e produção, e ao mesmo movimento de riquezas nas unidades sociais econômicas, ou seja, as empresas.

Para o banco o dinheiro é como se fosse um estoque, que deve ser negociado e vendido a uma determinada margem de lucro, neste caso, **juros**, os quais deverão suprir no futuro, a necessidade de pagamento dos depositantes ou clientes principais.

Sabendo que **os bancos deveriam ceder meios de pagamento para as empresas**, necessitava a verificação se, **os mesmos empreendimentos solicitantes, poderiam pagar ou arcar com os compromissos de pagamento.**

Neste processo o movimento doutrinal e prático de uma análise de balanços se acelerou **formando cálculos** – embora, de início, fossem razões matemáticas simples - voltados, principalmente, para o crédito ou esta capacidade financeira especial.

E esse crédito deveria se entendido tanto para os bancos como para as empresas, isto quer dizer que, **o banco deveria ter uma estrutura dinâmica proporcional que suportasse a cessão de capital que não ofendesse as suas necessidades de suprir os depósitos à vista e a prazo**, e a empresa deveria ter a capacidade de pagar os seus compromissos, tal como, **os empréstimos que solicitavam** – até para não deixar os emprestadores em má situação -; então, de forma fundamental nos bancos que sugira uma aplicação da análise moderna dos balanços (ainda, que carecesse de muita pesquisa e ciência para a sua solidificação).

O estudo ou a análise administrativa da empresa, não era tanto observado como hoje, porque no tempo atual, **vale mais ao gerente de um banco saber qual o motivo do empréstimo e se ele será viável de acordo com a finalidade específica, do que somente o estudo das suas finanças e dos seus balanços**, todavia, **o estudo da liquidez se torna mais eficiente e conclusivo, pois, nele está**

embutida também a política administrativa em ceder os créditos, movimentar os estoques, e regular o caixa, de acordo com os compromissos assumidos.

Portanto **na análise das finanças empresariais encontramos também a prática administrativa, ou a forma de se administrar o capital de giro.**

Embora se possa utilizar **as duas análises - administrativa e financeira-, na indução da capacidade de pagamento, podemos até orientar ao governo aziendal, o que fazer para consertar ou melhorar o funcionamento financeiro.**

No favorecimento ao estudo do crédito, para o benefício de ambas as partes -as empresas e os bancos –, a análise no início do século XX se encetava, principalmente, no Estados Unidos da América.

O professor Myer (1972) comenta que foi de grande discussão nas associações dos banqueiros, e nos órgãos que norteavam esta profissão, em relação ao uso de análise de balanços, inclusive, com vários exemplos e recomendações de cálculos, contudo, muitos erros viriam desta prática – até porque o processo de análise é científico, e não pode ser estabelecido por grupos, antes da sua consagração pela academia ou pelos acadêmicos -, já que os quocientes de análise não eram interpretados em consenso científico, o que levou à predominância do empirismo na tomada de decisões.

Na verdade grande conquista ou esforço, foi aquele que **o professor universitário Alexander Wall fizera para que os quocientes de análise fossem entendidos com o princípio da relatividade.**

O objetivo básico desse princípio, destacado por Wall, também deveria ser **o de verificar o andamento das finanças no tempo** (em comparações cronológicas), **e em relação a outros fenômenos** (como o lucro, a produção, a imobilização, o empréstimo, os fornecedores, etc).

Como o dinheiro que era emprestado pelo banco, e possuído pela empresa, seria de fundamental observação, a capacidade de pagar deveria ser considerada a mais relevante de todas as outras.

Assim uma análise da liquidez, da solvência geral, da estrutura do passivo, eram de prática básica, pois, era o dinheiro que interessava, ou a maneira que o negócio o produzia, ou fazia produzir tal elemento.

A capacidade de pagamento, ou a liquidez, era o que realmente interessava para os analistas, infelizmente, de início, pensava-se apenas no seu aspecto estático, desconsiderando a dinâmica, o que forneceu alguns erros na concepção da mesma função do capital.

3. O que são finanças

As finanças nada mais são do que as riquezas relacionadas com o capital em dinheiro, como ativo fundamental para a vitalidade de um empreendimento.

A verdade é que, o termo “**financeiro**” se refere aos meios e necessidades de pagamento.

Por isso englobam naquele sistema fundamental que chamamos de liquidez.

No III congresso Brasileiro de Contabilidade tese importante fora defendida por Francisco D`auria a “Análise Financeira” – numa época em que a principal prática do contador era a escrituração e armação dos balanços, e não o estudo dos mesmos, portanto, apresentava uma real novidade, e importância superior, em nossa ciência e profissão -, que traduzia os principais conceitos sobre o que seriam as finanças. Mais tarde em seu livro sobre a interpretação de balanços (D`AURIA, Francisco. Estrutura e Análise de Balanço. 3ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1955.) largas páginas reservou para a matéria; alguns de seus conceitos que especialmente vamos buscar, e nos basear de agora em diante.

Quando, pois, **o nobre professor se referia ao “equilíbrio entre as disponibilidades e compromissos”** (D`AURIA, 1955, p. 306) nada mais explicava que **a capacidade de pagar do ente patrimonial.**

Ainda, reconhecia que **tal capacidade estaria relacionada à função do tempo, ou seja, aos prazos de recebimento do capital, e pagamento dos compromissos exigíveis.**

O mestre pregava que **a escassez de recursos pecuniários, e a ausência de disponibilidades, ou de elementos realizáveis, proporcionavam a crise financeira geradora do fato de insolvabilidade ou ausência de liquidez,** estado este, que, **prejudica a estrutura patrimonial por insuficiência da substância.**

Traduzia, então, os termos de vitalidade financeira, tal como repassamos adiante:

“No organismo econômico-administrativo o aparelho financeiro é essencial, porquanto as finalidades aziendais somente se concretizam com o uso da riqueza a este uso não prescinde, na generalidade dos casos, do movimento pecuniário, que é a linfa vital das operações.”

“O denominador comum de qualquer valor econômico é o dinheiro, que circula no organismo econômico-administrativo como o sangue no sistema circulatório do organismo animal.”

“A normalidade circulatória do dinheiro, em qualquer entidade, é saúde financeira; a insuficiência e os acidentes circulatórios do dinheiro comprometem a saúde financeira do organismo aziendal, passando a estado patológico a ser remediado; o excesso de disponibilidades é perturbador.”

(D`AURIA, Francisco. Estrutura e Análise de Balanço. 3ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1955. p. 401.)(O negrito é nosso).

Assim estipulava os principais fenômenos da função financeira, o financiamento passivo e ativo com as condições de sua movimentação, as

disponibilidades, e os movimentos geradores de dinheiro, as inversões permutativas, a sustentação pelos recursos próprios, a suficiência ou insuficiência de recursos, entre outros diversos acontecimentos (Obra citada, p. 82 e ss.).

Portanto, recomendava para o estudo financeiro, o uso de índices patrimoniais, de quocientes normais de liquidez, uso de proporção ou identidades, cálculos relativos, como também a aplicação de uma álgebra contábil, que socorre cada estipulação dos prazos de realização ou exigibilidades do dinheiro (p. 402 e ss.).

Nestes pontos gerais expostos pelo cientista e mestre D`auria, podemos dar ao leitor uma visão do que são as finanças e a sua inerência com as disponibilidades das empresas.

4. O estudo científico das finanças e os seus principais problemas

As teses levantadas inicialmente sobre a função de pagamento, ou a liquidez do capital, de início traduziram alguns pontos a serem respaldados pela ciência e pela pesquisa contábil.

Dentre os diversos autores que poderíamos comentar, diríamos especificamente três, que proclamaram estudos polêmicos ou interessantes sobre a liquidez: **Bonneville, Alexander Wall, e Francisco D`auria.**

Além disso, **as instituições norte-americanas que regulavam normas e emitiam alguns pareceres, de acordo com o consenso,** aludiam absurdos na análise da liquidez, muitos dos quais proporcionaram erros lastimáveis.

Iniciamos, pois, **por Bonneville** (Apud – Ceccherelli, 1950, p. 121), em seus “**Elements of Business Finance**” comentava a página 192, que **o cálculo de liquidez comum, ou como se entende o de “solvabilidade” deveria ser 2:1, ou seja, para cada um real de dívida a empresa deveria ter dois para o pagamento.**

Esta lei, pois, não poderia ser aplicada por completo, pois, mesmo designada como uma opção dentre várias, não havia embasamento em pesquisas.

Autores como o português Mello (1953) e Johnson (1974) discordavam dessa posição, mas, foi Ceccherelli (1950, p. 121) que comentava a mesma opinião com uma crítica mais ferrenha.

O professor Alexander Wall, considerado o pai da análise de balanços moderna e norte-americana - pois, desenvolveu os primeiros raciocínios de análise, os primogênitos quocientes de liquidez -, questionava muito a validade das afirmativas que faziam com os cálculos explanados pelas associações bancárias (como também os proclamados por autores) em nível normativo; ele era contra o abuso no destaque de leis científicas, tal como a de Bonneville, e o uso de processos empíricos para a análise, provindos dos banqueiros e instituições financeiras, sem alguma consulta técnica.

Portanto, pensava Wall, que o estudo da liquidez não poderia preterir **a noção de tempo em cada posição de comportamento patrimonial**, verificando o que acontece em cada **espaço de período cronológico**. Ou seja, o uso de cálculos com comparações periódicas em tempos seguidos.

Isso seria de fundamental importância para que processo de análise não ficasse deturpado, ou transmitisse conclusões seguras.

No Brasil D`auria (1953,1955) propunha uma idéia um pouco diversa, até porque, **sua alusão não tinha necessariamente uma amizade direta com os números dos chamados quocientes ideais, muito menos com as noções de resultados de cálculos, porém, com os comportamentos patrimoniais**; de certa forma, **defendia ele a lei da máxima disponibilidade**, ou seja, **a presença de dinheiro suficiente para se pagar**, contudo, **o mestre nunca preteriu a capacidade de pagar totalmente ligada à obtenção de prazos dos créditos e exigibilidades**, considerando-as como **atividades supletas e de reforço da função financeira do capital**.

Portanto, o que D`auria dizia, mais tarde, seria reconhecido como tese no estudo da liquidez, como o maior problema científico dessa função.

A dinâmica das finanças é, pois, o maior problema a ser tratado pelos cientistas.

E foi isto que promoveu a teoria da liquidez dinâmica de **Lopes de Sá** na década de 60, ele que de forma inicial primeiro a sustentou em tese, numa razão que assegurava o resultado em investimentos-dia; depois o professor **Américo Matheus Florentino** destacou de maneira original outras duas fórmulas de análise da liquidez dinâmica, baseada nos estudos dos giros, e correção, pela aceleração circulatória; todavia; antes da exposição dos mestres o português **Carlos Mello (1953)** propunha uma fórmula de liquidez dinâmica diferente daquelas emitidas pelos dois doutores, porém, importante para a consultoria gerencial.

Não traduziríamos aqui pontos dessas teorias, apesar disso, apontaremos uma fórmula diferente, que exprime em um conteúdo original de nossa parte, alguns panoramas fundamentais para a análise das finanças dinâmicas.

5. O quociente das finanças dinâmicas – nova fórmula e proposta

Os primeiros estudos sobre a liquidez desenvolveram cálculos estáticos (Ver Tabela 1) sobre a estrutura financeira que verificavam se o capital conseguia suprir as exigibilidades, ou se havia uma qualidade na cobertura financeira dos mesmos compromissos.

Tabela 1 : Quocientes estáticos de liquidez

| Liquidez Comum | Explicação e Interpretação |
|---|---|
| $\frac{\text{Ativo circulante}}{\text{Passivo circulante}}$ | Indica quanto que se tem para pagar, ou seja, a liquidez estática, quanto maior que um, melhor. |
| Liquidez Seca | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Ativo circulante} - \text{estoques}}{\text{Passivo circulante}}$ | Indica quanto que se tem para pagar, deduzindo os estoques, por isso, o codinome “seco”. |
| Liquidez Imediata | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Passivo circulante}}$ | Indica quanto que se tem de recursos imediatos para pagar. É relativo o seu resultado. |
| Liquidez Geral | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Ativo circulante} + \text{realizável a longo prazo}}{\text{Passivo circulante} + \text{exigível a longo prazo}}$ | Indica quanto que se tem de elementos para o pagamento de todas as dívidas. O quociente deve ser maior que um, para indicar cobertura suficiente das dívidas. |

Fonte: Elaboração Própria

A doutrina consagrou também os quocientes dinâmicos, relativos ao tempo de renovação, dos estoques, créditos e contas a pagar (fornecedores, empréstimos, salários, e dívidas em geral). Isso é que traduz um ciclo geral das finanças (Ver Tabela 2):

Tabela 2: Quocientes Dinâmicos da Liquidez

| | |
|---|--|
| Renovação dos Estoques | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Estoque} \times 360}{\text{Vendas}}$ | Indica quantos dias giram os bens de venda. Quanto menor, melhor. |
| Renovação dos Créditos | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Créditos} \times 360}{\text{Vendas}}$ | Indica o tempo do giro dos créditos; quanto menor, melhor. O resultado será dado em dias. |
| Renovação dos Fornecedores | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Fornecedores} \times 360}{\text{Compras a Prazo}}$ | Indica em quantos dias se renovam as compras a prazo, ou os fornecedores. É relativo tal quociente, mas, ele deve ser maior que o tempo de rotação dos estoques. |
| Renovação dos Empréstimos | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Empréstimos} \times 360}{\text{Financiamentos obtidos}}$ | Indica quantos dias se renovam os empréstimos. Considera-se que este resultado deverá ser maior que o tempo dos créditos. Geralmente, quanto maior, melhor. |
| Renovação dos Salários | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Salários} \times 360}{\text{Contratações}}$ | Indica quantos dias se renovam os salários. Porém, deverá ser ele sempre maior que o tempo dos meios de liquidez. Quanto maior o tempo, melhor. |
| Renovação das contas a pagar | Explicação e Interpretação |
| $\frac{\text{Contas a pagar} \times 360}{\text{Obtenção de dívidas}}$ | Indica quantas vezes se renovam as demais contas a pagar. Quanto maior que o tempo dos meios de liquidez, melhor. |

Fonte: Elaboração Própria

Portanto, as finanças dependem mais dos ciclos de recebimentos e pagamentos, do que da simples existência de meios e necessidades de pagamento.

Pode ser que a empresa possua grandes proporções de meios de pagamento para fazer frente aos compromissos, todavia, sua realidade estática é falsa, quando os mesmos elementos não se dinamizam e não

se transformam em dinheiro com a renovação; isto é que invalida apenas o uso de quocientes estáticos.

O importante é que **a atividade financeira aja de acordo com os seus meios proporcionais.**

É o ditado: não vale ter um “**Ativo**” sem “**Atividade**”.

Ou seja, **se existir meios realizáveis que podem ser transformar em disponíveis, então, o empreendimento possui liquidez, senão, não basta apenas ter algo que não se movimenta no capital.**

A atividade é que ditará a realidade das proporções dos meios de liquidez.

Quanto mais velocidade de renovação tiver os meios em relação às necessidades melhor para o empreendimento.

Isto é, **não pode ser nem a máxima disponibilidade, e nem a presença dos mesmos recursos, e sim, uma rotação coerente, que é o designativo da dinâmica financeira.**

Assim **o tempo dos meios de renovação dos estoques (PME) e dos créditos ou recebimentos (PMR) formam o ciclo de operação financeira (COF), o que por convenção, foi chamado apenas de ciclo operacional (CO) que seria:**

$$\text{COF ou CO} = \text{PME} + \text{PMR}$$

Também se constatou dizer, **que ciclo de pagamento (CP) seria a soma das dívidas principais, tal como, o tempo dos fornecedores (PMF), dos empréstimos (PMEM), dos salários (PMS), das contas a pagar (PMCP), com as suas respectivas renovações, o que foi chamado apenas de prazo médio de pagamento (PMP):**

$$\text{CP ou PMP} = \text{PMF} + \text{PMEM} + \text{PMS} + \text{PMCP}$$

O ciclo financeiro (CF), então, pode ser demonstrado da seguinte maneira:

$$\begin{aligned} \text{CF} &= \text{COF} - \text{CP} \\ \text{CO} - \text{PMP} &= \text{CF} \end{aligned}$$

Portanto, se *a liquidez depende do tempo, mais do que da estática em si, podemos dizer que o volume dos estoques, créditos, e das dívidas, estipuladas em prazos, especificados numa razão, pode designar a realidade dos investimentos temporais reais, é o que seria uma opção para a análise das finanças empresariais dinâmicas.*

Ou seja, esta é a nossa fórmula:

$$\begin{array}{l} \text{QDF: DISPONIBILIDADES + } \left(\frac{\text{(CRÉDITOS + ESTOQUES)}}{\text{COF}} \right) \\ \hline \text{DÍVIDAS IMEDIATAS + } \left(\frac{\text{(FORNECEDORES + EMPRÉSTIMOS + SALÁRIOS + CONTAS A PAGAR)}}{\text{CP}} \right) \end{array}$$

Eis o quociente dinâmico das finanças (QDF).

Ou seja, as disponibilidades imediatas, mais os realizáveis temporais, formam os meios reais de pagamento, e o numerador da fórmula, que será dividido pelas dívidas imediatas, mais as obrigações temporais, que formarão não só o denominador da fórmula, mas as necessidades reais de pagamento. Isso é o que forma o quociente das finanças dinâmicas.

Quanto maior o quociente, subentende-se que a empresa terá mais dinheiro para pagar, juntamente com a atividade real dos meios realizáveis.

Se for menor **o tempo do ciclo de operação financeira, mais meios reais temos para pagar os compromissos.**

Até porque **a dinâmica da liquidez depende dos mesmos prazos que os meios realizáveis possuem para operar, do que dos prazos das contas a pagar.**

Estamos dizendo que, **em se tratando dos meios, se o ciclo operacional der um número de dias pequeno, eles serão contados como elementos em volume maior, do que em estática aparente, e eles serviriam para cobrir os compromissos.**

O mesmo entendemos para as dívidas: **elas serão consideradas elementos reais de pagamento quando o tempo a se pagar for menor.**

Poderíamos então traduzir a mesma fórmula denotada acima, de outra maneira:

$$\text{QDF} = \frac{\text{Disponibilidades} + \text{Meios temporais reais}}{\text{Dívidas Imediatas} + \text{Necessidades temporais reais}}$$

Isso mostra que, **as exigibilidades ou disponibilidades imediatas, formam a realidade da dinâmica financeira imediata.**

Os disponíveis mais os realizáveis dinâmicos, são meios reais de pagamento.

As dívidas imediatas mais os compromissos ou contas a pagar dinâmicas formam as obrigações reais.

Diversos foram as fórmulas de liquidez dinâmica: nós propusemos esta; **Sá** desenvolveu uma, pela primeira vez, em tese; **Florentino** criou duas em sua doutrina de análise contábil; **Mello** antes de todos nós, já apresentava ensaios perfeitos sobre o mesmo quociente (não em tese como Sá), mas todavia, todas tem a mesma importância de traduzir o equilíbrio das finanças no tempo.

Entendemos que a tese de D`auria sobre a máxima disponibilidade, pode ser traduzida como real, desde que, concebamos o tempo de cada elemento, aceitando-os como volumes em tempo atual. É o que está presente no resultado da divisão dos elementos pelos seus prazos de renovação. Isso traduz o que seria uma “**disponibilidade imediata**” em relação à uma “**exigibilidade imediata**”.

Nossa fórmula é diferente das outras, pois, não divide cada elemento pelo prazo do giro, apenas considera os elementos realizáveis como uma disponibilidade desde que, corrigidos temporalmente.

Então, tais realizáveis ou exigibilidades, somados aos valores imediatos, nos dão a noção do que seriam os recursos reais, e atuais de dinheiro, exigidos e utilizáveis na empresa ou empreendimento aziendal.

A intenção foi a de traduzir qual seria o dinheiro imediato com os valores atualizados, e em relação às exigibilidades imediatas com as respectivas atualizações.

Portanto, a lei da máxima disponibilidade de D`auria de alguma maneira está viva nesta lógica que propusemos.

Sabemos que o assunto das finanças empresariais é importantíssimo, e inesgotável, mas, **o que apresentamos nada mais é que uma opção, e esperamos ainda contribuição dos demais cientistas da contabilidade em prol do mesmo tema.** Tal como, estamos abertos para as críticas e sugestões que possam oferecer.

Creemos que o futuro da contabilidade nas pesquisas das finanças dinâmicas não está esgotado, e ao contrário, é promissor, a filosofia da análise contábil neopatrimonialista, permitirá a seus adeptos formas diferentes de observar e detectar os pontos ainda não explorados nestas fenomenologias; portanto, a ciência contábil muito oferecerá aos seus seguidores, em dose intelectual, aportes lucrativos cada vez maiores para os comportamentos patrimoniais em foco à prosperidade.

6. Conclusão

Desde o início da moderna análise de balanços, o interesse inicial foi o de estudar as finanças do capital, isto é, o estado da liquidez, de maneira a desenvolver raciocínios sobre a capacidade de pagar, a solvabilidade, ou a solvência do capital, chegando a se ter menções de alguns abusos na concepção, detecção, e conclusão, sobre o comportamento desta fatologia.

O estudo da liquidez, ou do bom comportamento financeiro, era bem apegado a uma condição ligeiramente estática, que depois se tornou dinâmica por questões de necessidade gerencial, ou seja, não se poderia conceber um estudo apenas momentâneo, para não prejudicar as conclusões, visto que, a capacidade financeira depende dos pagamentos e recebimentos, que por sua vez, são alimentados pelos ciclos temporais da atividade e passividade dos grupos circulantes.

Portanto, no estudo da dinâmica das finanças, apresentamos uma fórmula que não é a única, todavia, apresenta uma opção, para a concepção do que se teria realmente para se pagar, ou qual seria a capacidade de liquidez, considerando os meios e as necessidades temporais reais de pagamento, estes como resultado de seus volumes estáticos, divididos pelos seus respectivos prazos de renovação ou recompletamento do Ativo em numerários, num resultado que traduz a agilidade e a pronta realidade das finanças disponíveis e exigíveis em tempo atualizado.

7. Bibliografia

CARQUEJA, Hernani O. **Do saber da profissão às doutrinas da academia**. Revista de Contabilidade e Comércio. Lisboa: EDICONTA, v. 59, nº234-235. 2003.

CECCHERELLI, Alberto. **Il Linguaggio dei Bilanci**. 5^o ed. Firenze: Felice Le Monnier, 1950.

D`AURIA, Francisco. **Variação do Valor Efetivo do Capital**. São Paulo: Ed. Atlas, 1953.

_____. **Primeiros Princípios de Contabilidade Pura**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. **Contabilidade Integral**. Conferencia Interamericana de Contabilidade. São Paulo: FCE. 1954.

_____. **Contabilidade Geral (Teoria da Contabilidade Patrimonial)**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1956.

_____. **Estrutura e Análise de Balanço**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1955.

FLORENTINO, Américo Mateus **Classificação de Patrimônio para uma análise econômica dos Balanços das empresas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1963.

_____. **Análise Contábil: Análise de Balanços**. 9º Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1990.

_____. **Análise de Balanço para companhias de Seguros**. São Paulo: Ed. Manuais Técnicos de Seguros, 1976.

JOHNSON, Robert W. **Administração Financeira**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1974. I Vol.

KLEIN, Tolstoi C. **História da Contabilidade - noções gerais**. Rio de Janeiro: Ed. Aurora, 1954.

_____. **Contabilidade Superior: Estrutura e Análises de Balanços**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Aurora, 1954.

MATARAZZO, Dante C. **Análise Financeira de Balanços: Abordagem Básica e Gerencial**. 5ª ed. São Paulo: Atlas: 1998.

MELLO, Carlos Espírito Santo S. de. **Análise de Balanços (da empresa, sob o ponto de vista financeiro)**. Lisboa: Portugália Editora, 1953.

MONTEIRO, Martim Noel. Conta e método digráfico numa perspectiva conceptual histórica. **Revista Paulista de Contabilidade**, São Paulo: SCSP, v. 57, nº 459, 1979.

_____. Algumas reflexões sobre princípios básicos de contabilidade. **Revista Paulista de Contabilidade**. São Paulo: SCSP, v. 62, nº 465. 1983.

_____. A origem da Partida Dobrada. **Revista Paulista de Contabilidade**. São Paulo: SCSP, v. 65, nº 469, 1986.

MYER, John N . **Análise das Demonstrações Financeiras**. São Paulo: Ed. Atlas, 1972.

PFATZGRAFF, Rogério. **Aspectos científicos da contabilidade**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Tupã. 1956.

SÁ, Antonio Lopes. **Historia Geral e das Doutrinas da Contabilidade**. São Paulo: Ed. Atlas. 1997.

_____. **Teoria do capital das empresas**. Rio de Janeiro: FGV, 1965.

_____. **O equilíbrio do Capital das Empresas**. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S/A, 1959.

_____. **Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Ed. Atlas. 1999.

_____. **Estudo Analítico da Rentabilidade das Empresas**. Rio de Janeiro: APEC, 1971.

SILVA, Rodrigo Antônio Chaves da. Filosofia da Análise da Estabilidade da Liquidez. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, CRCSC, Florianópolis, v. 4, nº 11, CRCSC, 2006.

_____. Análise do giro do capital circulante na dinâmica patrimonial. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, MG, nº 18, 2º trimestre, CRCMG, 2005.

_____. Liquidez estática e dinâmica. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, MG, nº 20, 4º trimestre, CRCMG, 2005.

_____. A resultabilidade. **Revista de Ciências Empresariais e Jurídicas**, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, nº 10, 2007.

_____. Análise do Risco da Liquidez. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, MG, nº 27, 3º Trimestre, CRCMG, 2007.

_____. Dimensão Contábil e Neopatrimonialista da Resultabilidade. **Revista Contabilidade e Informação**/Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Economia e Contabilidade, v. 10, nº 27, jul/dez de 2007.

_____. Aspectos da Incompatibilidade Circulatória da Riqueza em Funcionamento como Base para as Decisões Administrativas. **Revista Contabilidade e Finanças**. APPC, Lisboa, nº 89, Abril/ Junho de 2007.

_____. O equilíbrio do capital e a sua intensidade: pontos da filosofia Neopatrimonialista. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**. CRCSC, Florianópolis, Ano 6, nº 18, Agosto/ Novembro de 2007.

VALLE, Francisco. As tendências positivas do Prof. Francisco D`auria. **Revista Paulista de Contabilidade**, São Paulo: SCSP, vº 51, nº 440, 1973.

Raul Soares 28 de Dezembro de 2007

Endereço do Autor:

Rua João Farnez de Araújo; 30 A.

Bairro Santana

CEP: 35350 – 000 / Raul Soares – MG - BRASIL

